

- VIII -

A SECUNDARIZAÇÃO DA FORMAÇÃO CONTINUADA DOS COORDENADORES PEDAGÓGICOS NO COTIDIANO DAS ESCOLAS

Eliara Zavieruka Levinski

Universidade de Passo Fundo/RS/Brasil
eliara@upf.br

Luciane Spanhol Bordignon

Universidade de Passo Fundo/RS/Brasil
lucianebordignon@upf.br

Introdução

A formação continuada dos gestores, e nesse caso dos coordenadores pedagógicos das escolas da educação básica, apesar dos crescentes estudos, ainda carece de debruçamento, especialmente, quando refere-se a materialização de práticas pedagógicas que efetivam o aperfeiçoamento dos profissionais. Constata-se pelas pesquisas e práticas de extensão universitária realizadas pelo Grupo de Pesquisa e Extensão Políticas e Gestão da Educação - GPEPGE e pelo Centro Regional de Educação - CRE, da Universidade de Passo Fundo - UPF/RS/Brasil, que muitos anoitecem professores e amanhecem coordenadores pedagógicos e imediatamente estão imersos no cotidiano de múltiplas exigências, sendo tensionados para “dar conta” do ofício, nem sempre compreendido por eles mesmos, gerando insatisfação e exaustão. Além disso, as ações formativas desenvolvidas nos espaços escolares são, prioritariamente, destinadas para os professores, precarizando as possibilidades do coordenador pedagógico ter momentos de falas, escutas, debates e abastecimento teórico-metodológico inerentes as suas atribuições. Diante desse sinuoso cotidiano escolar intencionamos discutir a formação continuada dos coordenadores pedagógicos e socializar experiências vivenciadas na UPF acerca dessa temática.

Desenvolvimento

O cotidiano do coordenador pedagógico

Muito embora a formação continuada esteja prevista como direito na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996) no Plano Nacional de Educação (2014-2024) e mais recentemente, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior e para a Formação

Continuada (2015), constata-se fragilidades na efetivação de um processo de formação, especialmente, direcionado para os gestores da escola.

O dia a dia do coordenador pedagógico é marcado por experiências e situações que levam a uma atuação desordenada, imediatista e desfocada da sua real função. Nesse contexto, é comum o coordenador ser identificado como a pessoa designada para “apagar incêndios”, fazer controles, resolver problemas de professor/aluno, entre outros. A maior dificuldade do coordenador pedagógico reside no afastamento das ações corriqueiras e burocráticas que estão sob sua responsabilidade. Tal imersão limita as possibilidades para a efetivação do seu ofício que é coordenar e mobilizar o trabalho pedagógico. Fonseca (2003), em uma de suas reflexões sobre alternativas para superar a visão burocrática, afirma que é preciso apelar para a “transgressão inovadora, como interpretação alternativa da ação educativa, na qual a busca de resultados dê lugar à inovação de valores e estilos. Enfim, a transgressão começa pelas dimensões do ser humano que não cabem nas grades traçadas pela burocracia”. (2003, p. 41)

Considerando tal cenário e o compromisso da universidade com a formação dos profissionais da educação, apresentamos uma das experiências de formação continuada realizada com coordenadores de diferentes instituições que objetivam constituir redes e recriar as práticas pedagógicas.

Formação em rede: Universidade e Educação Básica

O Grupo de Pesquisa e Extensão em Políticas e Gestão da Educação (GPEPGE), da UPF, se constitui em um espaço e tempo de produção e socialização de conhecimentos acerca das políticas educacionais e da gestão da educação. Neste sentido, o GPEPGE vem desenvolvendo encontros de formação para profissionais que atuam no campo de gestão. Nos anos de 2016 e 2017, dentre as ações desenvolvidas, destaca-se a realização das salas temáticas que, com uma metodologia diferenciada, aborda assuntos referentes ao campo educacional, promovendo encontros mensais de estudo, diálogo, problematização e socialização de experiências entre os coordenadores pedagógicos, acadêmicos e professores da Pedagogia, da Pós-graduação *lato sensu* - especializações na área das políticas e gestão da educação e do *stricto sensu* em educação.

As salas temáticas constituíram-se em encontros privilegiados de formação continuada. Encontros no sentido de encontra-se, de chegar um diante do outro ou uns diante de outros e ter a possibilidade, a partir das interrogações, das potências e de certezas provisórias descortinar o vivido, mobilizar alegrias e práticas solidárias, discutir as diferenças e reconhecer o sentido das contribuições teóricas no dia a dia da profissão. As salas temáticas tornaram-se tanto para os coordenadores pedagógicos como para os integrantes da universidade o ponto comum de uma travessia, de rompimento de um estado de solidão e de momentos para “abastecimento pedagógico”.

Desta forma, as salas temáticas foram organizadas considerando o contexto e os interesses dos educadores, com base em indicadores previamente levantados, mediadas pelo GPEPGE e em algumas ocasiões por palestrante convidado. Os participantes das escolas, ao avaliarem as salas temáticas as reconheceram como espaços privilegiados de aprendizado, de fortalecimento do ofício de dinamizador do processo pedagógico, de pensar sobre o que se faz, o que se deixa de fazer e o que é necessário fazer diante das atribuições, de encontrar o outro, de outro endereço e perceber o quanto trabalhamos isoladamente, mas percebendo, ao mesmo tempo, a possibilidade de formação em rede. Também afirmaram que retornam para as escolas mais animados e persistentes. Os integrantes da universidade observam que foram provocados concretamente para pensar e avaliar os processos de formação inicial e continuada de professores em desenvolvimento pela instituição, bem como se as políticas educacionais em vigência estão colaborando para uma efetiva formação dos profissionais. Ampliam a avaliação destacando que as salas temáticas mobilizaram muitas reflexões sobre a própria ação acadêmica tanto no ensino, quanto na pesquisa e na extensão.

Nessa prática, pode-se verificar que ocorre um processo formativo. Os sujeitos podem fazer uma transposição didática do que é vivido nas salas temáticas à prática cotidiana na escola, não se configurando como receita, mas como experiências formativas construídas em rede. Apoiamo-nos em Gouveia e Placco (2013) para observar que a formação em rede é “uma estrutura balizada por uma cadeia colaborativa, em que todos os sujeitos envolvidos, [...] se corresponsabilizam pela qualidade dos resultados da aprendizagem dos alunos e apoiam-se para a realização da formação”. (2013, p. 69)

A relação estabelecida pela universidade com os participantes das salas temáticas originou experiências riquíssimas, que propiciaram múltiplas ressignificações e mobilizaram outras interrogações, permitindo reafirmar a inconclusão dos processos de formação continuada.

Conclusões

O coordenador pedagógico assombrado pelas inúmeras tarefas e burocracias, pelo impacto de “amanhecer” na função, pela demanda cotidiana de “apagar incêndios” tende a reduzir seu tempo para pensar e materializar as atribuições inerentes ao seu trabalho e constituir um processo de individualização colocando sua formação continuada em segundo plano. A formação continuada pode ocupar outro lugar, sair da secundarização quando se tem a coragem de decidir pelo aperfeiçoamento como condição para a qualidade do exercício profissional e quando encontra outros sujeitos para efetivarem uma formação em rede que prima pela escuta, socialização, debate e teorização das experiências pedagógicas e que elege a prática como objeto de investigação.

As salas temáticas, estratégia eleita para a formação continuada dos coordenadores pedagógicos, até o momento está reconhecida como encontro que possibilita fazer travessias, isto é, segundo Levinski

(2008) realizar um “processo de atravessamento vivido pelos protagonistas entre uma e outra prática pedagógica, sem perder a inteireza das relações estabelecidas”(2008, p.41) e que permite ressignificar as compreensões e práticas em andamento nos diferentes endereços.

Referências

FONSECA, Marília. A gestão da educação básica na ótica da cooperação internacional: um salto para o futuro ou para o passado? In: VEIGA, Ilma. P. Alencastro.; FONSECA, M. (Org.). *As dimensões do projeto político-pedagógico: novos desafios para a escola*. 2. ed. Campinas: Papirus, 2003. p.13-44.

GOUVEIA, Beatriz e PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. A formação permanente, o papel do coordenador pedagógico e a rede colaborativa. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. *O Coordenador Pedagógico e a formação centrada na escola*. São Paulo: Edições Loyola, 2013, p. 69-80.

LEVINSKI, Eliara Zavieruka. *A dimensão político-pedagógica do processo participativo no ensino público municipal de Getúlio Vargas – RS*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.